



Alto do Bonfim

Binômimo da Costa Lima

Ao lembrar a infância, ocorre-me: a proteção que irradiava em toda aquela infraestrutura familiar; montada e consolidada, resguardando o sistema de clãs; parentela envolta. Sentia auréola de amparo, em toda uma longa extensão, domínio dos tios e primos. A própria estrutura dos casarões de cada parente e o nosso, abrigava e transmitia acolhimento naquele forte sistema patriarcal. No qual o respeito e acatamento, das resoluções dos mais velhos eram sagrados.

O casarão novo, edificado, cortando a ponta de um capão, no ressaio da casa já o mato, a natureza, onde piava o jaó e gemia o mutum. Para o poente, campos limpos que se estendiam até ao céu, de lá vinham os cantos das inúmeras perdizes, e o esturro da ema, em bandos numerosos vinham até à porta. Ao sul, um vale pelo qual passava o rio Bonfim, escarafunchando por entre pântano e lagoas cavava seu novo leito, banhando as capivaras, sucuris e desovavam as piaparas; do outro lado uma longa subida descortinava um chapadão de limpos campos de macega doirada, pontilhada de veados campeiros; para o oeste matos ciliares, em pinceladas verde-escuro, se desenhava no meio das chapadas verdes ondulantes, pela pintora mãe natureza, onde uivava o lobo guará e varas de queixada fuçavam a cata de minhoca.

Aí nasci no ano de sua inauguração. Cresci junto com as fruteiras. Terra roxa, fértil, “onde tudo que se plantando dá”. E como

o meu pai plantava! Cedo já tinha manga, laranja, cajá. Mas a primeira fruteira a produzir, além de melancia, abacaxi, foi amoreira, meu belo pé de amora, que se tomou um gigante, para meus cinco anos. Cair dele já era um risco; como a passarada gostou! Até macaco, coatis, ali vinham disputá-las.

Mas não tinha papai Noel...

Na véspera do ano novo, minha mãe instrui-me a pedir as “festas” ao meu avô. Que ele ficaria me devendo um presente, o que eu pedisse.

De manhã bem cedinho, minha mãe acordou-me. Levantei esfregando os olhos, pelos corredores do casarão, e já pensando numa espingarda que eu iria pedir ao meu avô; mataria com ela os gaviões comedores de pintainhos, as gralhas comedoras de ovos, pássaro-preto arrancador de arroz, juriti, para mim comer fritinha. Com minha espingarda vou sozinho até lá na porteira da Vaca Morta, se achar cobra eu meto fogo. Esfregando os olhos na penumbra, vi minha mãe fazendo-me assenos, pensei deve ser um gavião... Qual não foi meu susto... e que susto... meu Deus. Meu avô atrás de mim gritou...” Paga minhas Festas!

Decepção, raiva, susto, cheguei a cair. Deitado de costa... mãe, não vale mãe. Ele não falou bom dia primeiro.

Meu avô morrendo de rir...

- Então - bom dia paga minhas festas.
- Mãe fala para ele que não vale, mãe.
- Eu não fico sem minha espingarda.
- Que espingarda menino?
- O senhor ia dar uma espingarda para ele?
- Ele está é doido! E me devendo uma novilha roxa, pelas

“minhas festas”.

- Levanta do chão, boca aberta.

Deitado de costas sentindo o mais bobo dos seres, tapeado, logrado, envergonhado. Além de perder bestamente minha tão sonhada espingarda, certamente ainda me tomava a novilha.

Era demais, não notar minha mãe tentando me ajudar... tinha meu pai... é ele quem vai me ajudar, levantei e corri para meu pai, contei tudo para ele... o pior de tudo, pai, é que além de perder minha espingarda, ele diz que vai me tomar a novilhona da Pinta Roxa.

- Cê é muito pequenino para ter espingarda.
- Mas tem um jeito!
- Tem, pai? Até de arrecadar minha espingarda e não perder minha novilha?
- O dia seis de janeiro é o dia dos Santos Reis, as minhas “Festa” daquele dia anula a do dia primeiro.
- Ô senhor me ajuda, pai?
- Eu lhe acordo de madrugada e vamos lá para você pedir as “Festas” a ele. Mas cuidado, se ele tomar a lhe pedir as “Festas”, em vez de uma serão duas novilhas.

- Deus me livre.
- Acorda meu “piquitito” hoje é dia seis. Vai lá e pede as festas para ele! Mas cuidado, ele é sabido, que é danado!
- Pai, eu estou com medo dele, pai.
- Você é quem sabe. Vai entregar sua novilha? Fica aí dormindo, ele vem cá e ainda lhe toma outra.
- Espera que eu vou, pai.
- Vamos deixar a lamparina no corredor.

Seguimos pé, por pé, até a porta... o coração endoideceu.
Com esse barulhão ele vai acordar... pensei.

- Meu pai entreabriu a porta e acenou para mim entrar. Entrei num pulo e gritei...
- “Bom dia, paga minhas Festas”.

Ele nem mexeu... olhei para meu pai, ele fez sinal que eu tomasse a falar...

- Bom dia, minhas festas!
Já meio atarantado chamei...
- Vovô? Vovô... ô vovô... cê morreu vovô?
Ele virou rápido e gritou:

- Paga minhas festas, caboclo!
Assustei, fui afastar, me enrosquei nas botas dele, caí sentado.

Pai, o senhor viu... ele quer me enrolar... me dá minha espingarda...!